

Evento: XX Jornada de Extensão

O DISCURSO DA MASSA E AS POSSIBILIDADES DE REELABORAÇÃO¹ **MASS SPEECH AND POSSIBILITIES OF RE-CONSTRUCTION**

Bruna Blanke Maciel²

¹ Trabalho de pesquisa realizado no Curso de Psicologia da UNIJUI

² Acadêmica do Curso de Psicologia da UNIJUI

Ao ler Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921), nos deparamos com as colocações Freudianas acerca das constituições de massas de sujeitos organizados em prol de um ideal comum. Pois bem, no virtual acompanhamos uma mobilização muito semelhante, porém diz de uma organização em torno de uma rede discursiva baseada no ideal que as redes sociais proporcionam.

O sujeito imerso em um social, já escrevia Freud (1921) adquire uma alma coletiva que o faz agir e pensar de maneira diferente da qual normalmente o faria, este toma proporções grupais não observadas em condições normais de ação. Nas redes esse fenômeno se acentua, uma vez que agrupa uma fala sem dono, portanto assumida e legitimada por todos aqueles que dela compartilham. Essa fala, pode ser pensada no sentido que Lacan (1998) coloca como sendo uma fala vazia “em que o sujeito parece falar em vão de alguém que, mesmo lhe sendo semelhante a ponto de ele se enganar, nunca se aliará a assunção de seu desejo” (LACAN, 1998, p. 255). Os discursos da rede representam um grupo com um desejo comum, porém não um desejo desse sujeito que simplesmente o reproduz, sem sequer questionar-se acerca de.

Quando pensamos a realidade na qual estamos inseridos podemos dar-nos conta do quão pequeno é o sentido atribuído ao que se diz não só sobre si mesmo, mas especialmente sobre o outro e sobre o coletivo. Os questionamentos não ultrapassam o nível protetivo que a virtualidade oferece a todos aqueles que ali se põe a falar e convocar o outro. Mas convocar de onde?

Convoca de um lugar que nunca chegará a um nível simbólico desenvolvido na fala plena, essa segundo Lacan (1953-54) “que forma a verdade tal como ela se estabelece no reconhecimento de um pelo outro. A palavra plena é palavra que faz ato.” (LACAN, 1953-54, p.129) Ato esse que em um tempo de esvaziamento do Eu, vem como propulsor de um movimento contrário a massificação dos sujeitos imersos no social/virtual.

Freud (1921) já alertava que na massa o sujeito encontra condições de liberar seus impulsos inconscientes, não se responsabilizando diretamente pelo dito ou feito no grupo. Nas redes acompanhamos o mesmo movimento, como um grupo homogêneo, não é de se espantar encontrar tal característica, porém o que nos põe questionar é o preço pago pela fala vazia de discursos totais proferidos em tal abrangência. Sendo a internet meio de acesso quase que total e mundial, deparar-se com discursos que não só legitimam, mas também sustentem o ódio, a intolerância e a segregação do diferente é de fazer parar e refletir acerca do nível simbólico em que estamos enquanto civilização.

Evento: XX Jornada de Extensão

Sendo a massa uma formação que “não tem dúvidas quanto ao que é verdadeiro ou falso, e tem consciência da sua enorme força, ela é, ao mesmo tempo, intolerante e crente na sua autoridade” (FREUD, 1923, p. 27), não conseguimos pensar a dimensão simbólica do discurso, paramos em um real cruel, que oprime mediante um discurso escancarado tudo aquilo que dela se distancia. Em um universo além que é a internet, ela encontra mecanismos próprios de massificação no sentido freudiano onde os sujeitos se tornam totais, impulsivos e livres de recalques que sustentariam um vínculo social mediado pela palavra.

Palavra essa, plena do real do sujeito, que diz de si, de seu inconsciente e se transmite ao outro como bem escreve Lacan (1953-54) em uma transferência simbólica, onde nenhum nem o outro saem da mesma forma depois dessa transmissão. O sujeito posto em relação transferencial de sentido recebe um investimento libidinal daquele que lhe fala que ultrapassa a violência do discurso virtual. Essa transferência vem banhada de um simbólico que ressignifica o que constitui e sustenta o sujeito na relação entre iguais, não só no par, mas também na massa.

Poder considerar trocas discursivas baseadas em falas que dizem dessa posição plena, é poder pensar em um social onde o outro possui vez, voz e lugar de suporte, não só como massa de manobra frente a um líder tirano, mas como sujeito possuidor de um saber próprio, não só sobre si, mas sobre o social ao qual pertence.

Apesar de o social e o processo de massa serem condição da constituição psíquica daquele que se faz sujeito, condicionar esse somente nesses lugares é possibilitar um empobrecimento do sujeito de fala. Dar-lhe condições de posicionar-se criticamente, mas não preservado e protegido por uma frente coletiva, o chama para seu papel enquanto sujeito pertencente a um grupo comum. Comum enquanto pensar, mas não condicionador de sofrimento e apagamento psíquico e intelectual. Um grupo do qual esse que enuncia possa falar e responder por esse lugar de fala, seja como líder, seja como membro do coletivo.

Colocar o sujeito criticamente a questionar quem “controla” o grupo, dá condições de ascensão a um nível simbólico da palavra, fazendo com que esse (re)pense o real da coisa. Como nos escreve Lacan:

É assim que o sujeito pode vaticinar sobre sua história sob o efeito de qualquer uma dessas drogas que adormecem a consciência e que receberam, em nossa época, o nome de ‘soros da verdade’, onde a segurança no contra-senso trai a ironia característica da linguagem. Mas, a própria retransmissão de seu discurso gravado, ainda que feita pela boca de seu médico, não pode, por lhe chegar dessa forma alienada, ter os mesmo efeitos que a interlocução psicanalítica. (LACAN, 1998, p. 259)

A ilusão de igualdade perante o líder do grupo faz com que os sujeitos sustentem essa fala alienada e condicionam a esse que assume o lugar de pai ideal (será um dito Mito?) um poder total que ultrapassa os limites do grupo. Ele não responde dentro dessa mesma lógica, mas sim de uma

Evento: XX Jornada de Extensão

independente, livre de qualquer limitação imposta aos seus membros. Ou seja, “o pai primevo é o ideal da massa, que domina o Eu no lugar do ideal do Eu” (FREUD, 1921, p. 91).

Recolocar uma fala plena mediante essa ilusão, requer uma virada discursiva intensa e repleta de problematizações dentro do social. Aquele que se propõem a olhar a massa criticamente, não só afasta-se dela, como torna-se um mobilizador de mudanças dentro dessa que constitui o sujeito como social. Não vivemos isolados do grupo, mas também não somos condicionados a alienar-se a onda existente, a menos que não nos seja dado recursos para tal olhar exterior ao que se passa dentro disso que constitui o social.

Alçar voos longos na escuta do social, nos faz pensar e repensar esses movimentos de ressuscitação de um pai derrubado e morto por aqueles filhos que dá horda foram excluídos. Sejamós nós questionadores desse poder absoluto condicionado a um que se faz exceção, sejamós nós dimensionadores de uma fala plena, a dar condições do social reaver seu lugar de discurso e de possibilidade de simbolização daquilo que se apresenta como construção de um social.

Socialmente muito temos ainda que caminhar para que sejamós possuidores de uma fala plena de sentido, onde o real do sujeito seja transmitido e reelaborado no coletivo. Psicicamente, muito ainda precisa ser construído para que tenhamós condições de nos a ver com esses movimentos de coletividade alienante, possuir discernimento para assumir o que é dito no coletivo da rede, é quase que condição fundamental da apropriação do sujeito por parte de seu próprio Eu.

Que consigamos ser espaço discursivo nesse meio que cala e ensurdece os sujeitos mediante uma ideia delirante de ideal a ser alcançado, dentro de uma sociedade adoecida e movida por uma rede “perfeitamente ilusória”.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 13 - 113 (V. 15).

LACAN, Jaques. **Livro 1 - Os escritos técnicos de Freud (1953 - 1954)**. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. 327 p.

LACAN, Jaques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: LACAN, Jaques. **Escritos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. 937 p.